

**Miscigenação e sexualidade, p. um diálogo entre  
*Wide Sargasso Sea* e *Rozaura, p. a enjeitada***

Helena Alvares Bezerra Junior (UERJ)

No início da colonização nas Américas, acreditava-se que o negro e o índio fossem seres inferiores; mas, como os pioneiros não vieram acompanhados de esposas para o Novo Mundo, relações inter-raciais tornaram-se comuns em locais como o Brasil e o Caribe em função da ausência de mulheres brancas (AZEVEDO, 1990, p. 29). O hábito de se fazer do corpo feminino não-europeu um objeto sexual, deu origem a uma população racialmente diversificada em ambos os territórios do continente americano. Tanto que, no tocante ao Brasil, Jaime Pinsky e Paulo Miceli explicam, p. “Através da relação senhor/escrava, (...) a miscigenação racial era tal intensa que traços brancos são freqüentemente encontrados em famílias negras (um dos filhos com pele mais clara, ou nariz afilado ou cabelo liso) (...) ou os famosos olhos verdes da mulata” (1988, p. 45). A mesma cena se repete na Jamaica. Segundo Ronald Hyam, o pudor dos ingleses é deixado de lado quando chegam às Colônias do Caribe, p. “muitos vitorianos além mar esperavam fazer do sexo um ingrediente de rotina. Além do mais, o império [britânico] lhes dava uma grande gama de oportunidade. Maior espaço e privacidade” (HYAM, 1990, p. 88).

Considerando as inúmeras semelhanças que Eduardo Coutinho aponta entre as histórias, a miscigenação e o multiculturalismo do Brasil e do Caribe, (COUTINHO, 2003, p. 45-50), gostaríamos de

abordar temas tais como a sexualidade da mestiça e o mito da pureza racial nos romances *Rozaura, p. a enjeitada* (1883) de Bernardo Guimarães e *Wide Sargasso Sea* (1966) de Jean Rhys, em função da semelhança temática e pontos de interseção entre os momentos históricos ficcionalizados em cada romance. (WELLECK, 1994, p. 143). Enquanto a narrativa de Rhys se passa entre 1830 e 1845, a de Guimarães acontece entre os anos 40 e 50 do mesmo século. Obviamente, falar sobre estes assuntos sem um recorte espacial mais preciso poderia ser inviável. Portanto, restringir-nos-emos à cidade de São Paulo e alguns pontos do Caribe pelos quais transita a protagonista de Rhys tais como a Martinica, Jamaica e Dominica.

Se voltarmos ao Brasil colonial, poderemos perceber que o sangue híbrido sempre foi um incômodo para os poucos representantes da nobreza portuguesa. No século XVIII, a aristocracia fazia questão de se separar dos infectos e misturados. Entretanto, com a promulgação do Alvará de Lei Secretíssima, criado pelo Marquês de Pombal em 1768, pessoas sem linhagem, sobretudo, os judeus, obtiveram o direito de abrir comércios, e assim participar do crescimento econômico da colônia. Obviamente, esta abertura favoreceu os que ascendiam socialmente e criou precedentes para que a burguesia comprasse títulos de nobreza no século XIX (CARNEIRO, 1988, p. 177-9). Durante o império, já se viam muitos mulatos e semi-brancos entre os *nouveau riches*. Machado de Assis é um exemplo cabal. Contudo, Pinsky e Miceli salientam que, principalmente, os paulistas nonocentistas se recusavam a admitir que fossem mestiços, perpetu-

ando uma antiga mentalidade aristocrática que adentraria o século XX.

[N]ão é difícil encontrar (...) nas classes dominantes, uma geração que não tenha alguém que apresente cabelo (...) encarapinhado – traços largos, boca carnuda ou mesmo um tom moreno e mais escuro, por vezes atribuído (...) à herança moura dos ancestrais ibéricos. Em São Paulo, a mistura racial é muito profunda nas classes dominantes e a presença de traços negros intensa na burguesia do café (PINSKY & MICELI, 1988, p. 45-6).

Embora a narrativa de Guimarães se passe antes de 1870, data que marca o início do apogeu do café paulista, os burgueses da romance rejeitam a possibilidade de ter sangue infecto, preservando o mito da pureza racial. Em *Rozaura*, o major Domázio, avô da personagem que dá título à narrativa, fala de uma genealogia intacta, escondendo, assim, o fato de ser filho de cigano, p. “Ufano de seus haveres, e inculcando-se parente das mais ilustres e antigas famílias de São Paulo, (...) não poucas vezes jactava-se da nobreza prosápia, a que julgava pertencer, e da justa influência, de que gozava” (*RE*, 25 v.1). Contudo, outros personagens nos revelam que “O major é caboclo quase puro sangue, (...) filho de um cigano, [e tem] nas veias não uma pequena dose de sangue tibiricá. (*RE*, 23, 95 v. 1).

Orgulhoso da superioridade racial e de sua procedência, Domázio ensina sua única filha (Adelaide) a se tornar extremamente racista, apesar de ser cabocla. De acordo com os boatos que corriam em São Paulo, p. “Quanto ao lado materno, a estirpe de Dona Ade-

laide procedia de mais baixa estopa. A mãe dela (...) não passava de uma linda mulata, filha de uma negra mina. (...) [a] sogra do major fora cativa, e (...) a esposa tinha sido libertada na pia batismal” (*RE*, 24, 95 v. 1). Alheia a estas informações, Adelaide ignora pessoas birraciais, chegando a desdenhar de Couto, um estudante de direito com fortes traços indígenas (*RE*, 135 v. 1). Como diz Azevedo, personagem que, de acordo com Antônio Cândido e Basílio de Magalhães, representa ficcionalmente, a pessoa de Álvares de Azevedo (MAGALHÃES, 1926, p. 199; CÂNDIDO, 1997, p. 216), a força do pensamento eugênio é tão forte em Adelaide que ela nem desconfia ser miscigenada, p. “Adelaide, a despeito de sua cor sofrivelmente tisonada (...). [A]credita piamente que seu sangue não tem mescla alguma de africano nem caboclo” (*RE*, 94 v. 1). Isto não é calúnia de Azevedo. O próprio narrador acrescenta, p. “Adelaide por um preconceito, que desde infância lhe fora imbuído por seu pai, (...) tinha fumos de branquidade e fidalguia, a ponto de tomar como injúria a mais leve e involuntária alusão que pusesse em dúvida a pureza imaculada de sua árvore genealógica” (*RE*, 72 v.1).

Assim como há explicações para o mito de branquidade na burguesia paulista do século XIX, existem razões pelas quais os híbridos da Jamaica não queiram aceitar sua condição racial a partir de 1770. Foi neste ano em que os mestiços de Martinica tiveram direito à liberdade e se tornaram novos escravocratas. Mudança esta mudança que não só provocou derramamento de sangue entre brancos, negros e mesclados em diferentes ilhas das Antilhas, mas também afe-

tou a estrutura social da Jamaica. Após tais acontecimentos, mulatos e semi-brancos passaram a enriquecer em colônias anglófonas, o que não durou muito. Visto que, em 1830, o chá indiano passou a suplantiar a importância que o açúcar caribenho exercia na economia britânica; o parlamento não hesitou em aprovar o Ato de Emancipação dos escravos na Jamaica em 1834, levando os produtores de cana-de-açúcar à falência (RAGATZ, 1971, p. 275-85).

É em 1834 que se inicia a história de Antoinette, protagonista de *Wide Sargasso Sea*. Descendente de escravocratas, a jovem de cor clara sofre com a decadência econômica da família Cosway e com a morte súbita do pai. No entanto, a esperança em dias melhores se concretiza quando a mãe se casa com o Sr. Mason. Mas com a felicidade, surgem novos dilemas. Vivendo sob a orientação da mãe e de um cavalheiro britânico, Antoinette é educada para ser como uma inglesa, superior e não se identificar com negros. Diferente de Adelaide, a personagem de Rhys tem consciência de não ser totalmente branca, mesmo sim é obrigada a se sentir como tal, p. “Olhei para o Sr. Mason, (...) certamente inglês. E para minha mãe, tão certamente não-inglesa, mas não era uma negra branca também. Não minha mãe. Nunca fora. Nunca poderia ser. (...) [T]eria morrido” (WSS, 17) [Todas as referências de *Wide Sargasso Sea* aqui mencionadas são traduções nossas].

Desde a chegada de Mason, Antoinette se esquivava dos parentes pobres, o que lhe acarreta problemas na comunidade, p. “As lições do Sr. Mason fizeram-me sentir encabulada em relação a meus pa-

rentes de cor” (WSS, 27). Mas, dentro de si mesma, Antoinette sabe que não é uma perfeita caucasiana, principalmente quando recorda dos primeiros dias de pobreza. Conforme diz a personagem, em dias difíceis, os brancos não se aproximavam, p. “Pessoas brancas de verdade, elas (...) não olhavam para nós, ninguém os via em nossa direção” (WSS, 8). Outro indício de que Antoinette não era identificada como inglesa são os constrangimentos. Como ela nos relata, os negros a odiavam por não admitir ser mulata; e, assim gritavam, p. “Vai embora barata branca, vai embora, vai embora. Ninguém te quer” (WSS, 17).

À medida que a protagonista descobre que, para sobreviver, precisa ser aceita entre os brancos, casa-se com o inglês Edward Rochester na esperança de pertencer à elite. Entretanto, Antoinette percebe que, às escondidas, as damas inglesas chamam-na de negra branca. Choque maior ela tem quando descobre que Rochester também lhe tem preconceito. Chegando à conclusão que ele só se casou pelo dote, Antoinette interroga-lhe, p. “Então eu me pergunto entre mim e ti, o que pensas de mim?” (WSS, 76). Embora Rochester não responda nesta ocasião, seu silêncio e a indiferença denunciam que a mestiça nunca se encaixou perfeitamente entre aos brancos. Tanto que, em outro trecho do romance, o marido afirma, p. “Os mulatos são como tu, Antoinette”, deixando claro que, para ele, não havia diferença entre a esposa e os serviçais (WSS, 60). Embora os personagens de *Wide Sargasso Sea* apresentem a idéia de que pertencimento se dá por meio da raça, Rhys relativiza estas questões. Não

seria correto afirmar que Antoinette seja totalmente excluída da alta sociedade. O que existe são ressentimentos de uma rivalidade entre brancos e mestiços ocorrida a partir de 1782. Neste ano, mais de 2, 000 famílias brancas foram assassinadas no Caribe por mestiços em ascensão social. Daí o ódio dos europeus para com os semi-brancos (RAGATZ, 1971, p. 89-95).

O não-pertencimento também é algo discutido em *Rozaura*. Ao receber uma carta anônima com versos sarcásticos, Adelaide fica atônita ao descobrir sua verdadeira origem, p. “Mas por essa desventura/ Não chores, linda menina; Nasce a pérola da lama/ Nasce do esterco a bonina” (RE, 157). Certamente, o escárnio da rima corta o coração da jovem, mas tal descoberta ajuda-lhe a entender que não há problema algum casar-se com Conrado, um empregado mestiço, por quem é apaixonada, apesar da objeção do pai. Cheia de desejo, Adelaide se desperta para sexualidade, tentando viver um amor proibido.

A questão da sexualidade é bastante complexa e ambígua em *Rozaura*. Desde o princípio do romance, o narrador afirma que a filha do major é lasciva, mas, em função do moralismo nonocentista, é possível que se tenha feito, do hibridismo biológico, uma justificativa para a libido da personagem. Azevedo, por exemplo, não hesita dizer que ela possui um instinto selvagem, p. ““É na verdade uma bonita mocetona; mas tem os instintos da raça; o sangue africano, que lhe gira nas veias (...)” (RE, 117). Além disso, o narrador cria uma estreita ligação entre desejo e mistura racial, p.

Adelaide (...) [tinha] fisionomia tão sedutora (...). Grandes olhos de uma negridão e brilho incomparáveis (...), de onde se espalhavam amor e voluptuosidade. A tez tinha a cor (...) morena, mas de um matiz suave e transparente (...). [V]ia-se animar e colorir-lhe as faces o sangue ardente das duas raças de que procedia (...) A boca (...) era formada por dois lábios rubros e carnudos do mais voluptuoso relevo (...). Dessa tríplice aliança de raças tão diferentes resultou este misto singular e encantador [ , p.] (...) Adelaide. Sua natureza moral era também um composto inexplicável de qualidades opostas, que deveriam excluir-se uma das outras, ou andar em perpétua colisão. (...) Era ela um misto incompreensível de desenvoltura e recato, de meiguice e esquivança, de ingenuidade e malícia (*RE*, 36-7 v.1).

Embora não fique explícito, se a natureza libidinosa da personagem provenha da mistura racial ou de sua má criação, o “composto inexplicável de qualidades opostas” do qual fala o narrador parece ter origem em verdades eugênicas, encontradas, por exemplo, no pensamento de Kant. Afinal, é este filósofo alemão quem explica que o corpo híbrido possui duas essências e dois componentes sanguíneos conflitantes, que fazem da carne e da alma do mestiço, estruturas instáveis, incapazes de atingir uma definição ontológica, orgânica e, acima de tudo, moral. Como elucida a antropóloga Naomi Zack, “[Kant] supunha que essências raciais existiam como elos permanentes entre a biologia e a cultura e (...) imaginava que as virtudes intelectuais e morais (...) seriam hereditárias (...) [através do vínculo da] *força geradora*” (ZACK, 2002, p. 22) [tradução nossa; ênfase origi-



nal]. Atualmente, esta visão é terminantemente refutada pela antropologia. Tanto que Eliane Azevêdo enfatiza, p. “A falsa ideologia de raça pura nasceu da necessidade política de autoglorificação de certos povos. (...) Um pouco de conhecimento da história biossocial da espécie humana é suficiente para demonstrar que raça pura é um mito” (AZEVEDO, 1990, p. 29).

No entanto, a oscilação entre o moral, o biológico e o culturalmente assimilável pode ser observada em *Rozaura* na voz do narrador quando diz, p. “Adelaide estragava os excelentes dotes daquele espírito vivaz e expansivo, e a falta absoluta de educação moral deixava adormecidos alguns bons instintos” (*RE*, v. 1). Na verdade, Guimarães não é tão moralista quanto aparenta e faz da mistura racial um subterfúgio para justificar o envolvimento sexual entre Adelaide e Conrado e uma gravidez indesejada da qual nasce Rozaura. É Adelaide quem possui uma “volúpia infinda” (*RE*, 99 v. 1) e terá que abrir mão da filha em favor da reputação.

Em *Wide Sargasso Sea*, a sexualidade da mestiça também é algo muito forte; mas, em virtude do momento histórico em que a obra foi escrita, Rhys retoma, parodicamente, a idéia de que a sexualidade é algo vinculado à hereditariedade para mostrar que a mulher possui desejos sexuais tal como o homem; contrariando, assim, o pensamento de médicos vitorianos como Alexander Walker, que acreditavam que a poligamia não seria algo natural à mulher e um indício de insanidade feminina (WALKER, 24-7). Mas, como Rhys tem a intenção de transformar Antoinette em Bertha Mason, a louca

de *Jane Eyre*, o comportamento sexual de Antoinette é um aspecto bastante explorado em *Wide Sargasso Sea*. Durante a lua-de-mel, Antoinette costumava gritar ‘morra’, como uma espécie de alusão ao *petit morse*. Fato este que é relatado por Rochester de forma sexista, p. “‘Morra então! Morra!’ Eu a vi morrer muitas vezes. (...) À luz do sol, na sombra, ao luar, à luz de velas. Nas longas tardes quando a casa estava vazia. Somente o sol ali estava para nos acompanhar. (...) Muito depressa ela estava ávida pelo que se chama amor e eu ficava mais perdido e zozzo que antes” (WSS, 55).

O desejo de Antoinette por Rochester é intenso, mesmo assim, ela se deleita com Sandi Cosway, um antigo namorado. De acordo com uma das criadas, Antoinette teria sido casada com Sandi antes da chegada de Rochester, p. “‘Soube uma vez que a Senhorita Antoinette tinha casado, mas isso é tolice. A Senhorita Antoinette é moça branca com muito dinheiro, ela não ia casar com homem de cor, mesmo que não parecesse homem de cor’” (WSS, p. 76). Daniel Cosway, meio-irmão da protagonista rhyssiana, é outro personagem que fala sobre o envolvimento de Antoinette com Sandi, p.

‘Sandi é como branco, porém mais belo que homem branco. (...) Tua esposa conhece Sandi há muito tempo. Pergunte a ela. Ela te conta. Mas não tudo, eu imagino’. Ele riu. ‘Ah não! Não tudo. Eu os vejo quando pensam que ninguém os vê. Eu vejo quando ela... Tu já vais, é?(...) Não, não vais antes que eu te conte a última coisa. (...) Ela começou com Sandi. Enganaram-te sobre a moça. Ela te olha direto no olho e fala manso – são mentiras que te conta. Mentiras. A

mãe dela também era assim. Dizem ser pior que a mãe, desde que se tornou uma moçoila. Deverias estar surdo quando para não ouvir o povo rindo quando te casaste com ela. Não te zangues comigo, senhor. Não que queira zombar de ti, quero abrir-te os olhos. (...) Não és o primeiro a beijar-lhe a bela face. Bela face, pele macia, cor bonita – não parda como a minha. Mas minha irmã é tal como eu...’ (WSS, p. 79).

Esta é uma das razões pelas quais Rochester transforma o destino de Antoinette no de Bertha Mason. Em *Jane Eyre*, Bertha é louca e promíscua como a mãe por questões de hereditariedade. Já em *Wide Sargasso Sea*, Antoinette sofre penalidades idênticas a de Annette porque a mulher não pode gozar da liberdade sexual masculina. Fica claro no romance que Rochester mantém relações sexuais com as mulatas, sobretudo com a bela Amélie. Entretanto, só Antoinette é punida por adultério, p. “Ele descobriu que Sandi fora até a casa. Nunca soube quem contou, p. ‘filha infame de mãe infame’, disse ele” (WSS, 120). E, assim, Antoinette ficará trancada até o momento em que, escapará da cela, incendiará Thornfield Hall para voar em rumo à liberdade, tal como um pássaro, p. “Ouvi o papagaio me chamar. (...) O vento pegou meu cabelo [qu]e corria como asas. (...) Agora finalmente sei (...) o que tenho a fazer” (WSS, 123).

Adelaide, por sua vez, também passa por sérios dilemas. Assim que nasce o bebê ela se afasta da filha. Julgando que Rozaaura estivesse morta, Adelaide se casa com Moraes, um homem branco, de linhagem nobre, tal como o major desejara. Porém, ela nunca

imaginou que, um dia, teria de sacrificar sua própria reputação para libertar a filha da escravidão. Por ironia do destino, Rozaura torna-se escrava de Moraes, e só mediante a confissão da mãe, a menina consegue absolvição. Humilhada perante o pai, Moraes, Conrado e o padre da cidade, Adelaide implora perdão de joelhos e intercede por Rozaura; apesar disso, percebe que, desde então, o marido passa a desprezá-la e só deixa o opróbrio com o falecimento de Moraes. É na viuvez que Adelaide consegue finalmente viver ao lado de Conrado. Bem mais generoso que Rhys e Brontë, Guimarães cria um final feliz, mostrando que perdão e o arrependimento são as maiores virtudes.

Subvertendo a suposta vulnerabilidade orgânica dos mestiços, o autor discute questões culturais, tais como a dificuldade que os brasileiros têm de se adequar a um comportamento sexual tão rígido como o imposto pela Igreja. Tal como Rhys, Guimarães não interpreta o desejo sexual como defeito, mas como uma característica do ser humano. Dentre muitas coisas, Guimarães critica a escravidão e denuncia a hipocrisia dos burgueses brasileiros quanto a pureza racial, p. “No Brasil, ninguém pode gabar-se de entre seus avós não haja algum que não tenha puxado flecha ou tocado marimba. O talento, a bondade, e principalmente a riqueza é que dão importância a estas pessoas” (*RE*, 189 v. 1). Entretanto, parece-nos que Guimarães não rompe totalmente com princípios eugênicos que surgiram no Brasil a partir de 1870 (SCHWARCZ, 1995, p. 11); e assim espera que o desenvolvimento do país seja proporcional à purificação sangüínea

de nosso povo, p. “com a continuação do cruzamento, a raça africana se depura e aperfeiçoa” (*RE*, 227 v.2). Considerando este comentário, paira a dúvida se Guimarães realmente acredita na relação entre branqueamento e progresso ou se faz, deste pensamento, um alibi para fazer com que o preconceito racial diminua em nossa pátria. Partindo do princípio que o romance defende a miscigenação, seria contraditório imaginar que o escritor compactue com esta idéia. Quanto ao posicionamento de Rhys a respeito, temos uma idéia mais nítida. Afinal, a autora faz questão de que a personagem se identifique com afro-jamaicanos e se sinta negra. Tanto que é pensando nos ex-escravos que Antoinette incendia Thornfield Hall e concretiza o sonho de liberdade.

## Referências Bibliográficas

- AZEVÊDO, E. Raça. conceito e preconceito. São Paulo: Ática, 1990.
- CANDIDO, A. Formação da literatura brasileira. v. 2. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997. p. 217-8.
- CARNEIRO, M. Preconceito racial. Portugal e Brasil-Colônia. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- COUTINHO, E. A literatura comparada na América Latina. ensaios. Rio de Janeiro: Eduerj, 2003.
- HYAM, R. Empire and Sexuality. Cambridge. Manchester University Press, 1990.
- GUIMARÃES, B. Rozaura. a enfeitada v. 1 e 2. Rio de Janeiro: Garnier, 1910.
- MAGALHÃES, B. Esboço biográfico e crítico. Rio de Janeiro: Anuário do Brasil, 1926.
- PINSKI, J. & MICELI, P. A escravidão no Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.
- RAGATZ, L. The Fall of the Planter Class in the British Caribbean (1763-1833). New York: Octagon, 1971.
- RHYS, J. Wide Sargasso Sea. London. Penguin, 2001.
- WALKER, A. Intermarriage. **In:** BARRECA, R. Desire and Imagination. Penguin, 1995. p. 17-34.
- WELLECK, R. “A crise da literatura comparada”. **In:** COUTINHO, E. & CARVALHAL, T. Literatura comparada, p. textos fundadores. Rio de Janeiro. Rocco, 1994. p. 108-17.

ZACK, N. *Philosophy and Science of Race*. New York. Routledge, 2002.